

## O MANIFESTO DOS 70

por Mário Soares

Pessoas altamente responsáveis, de grande prestígio pessoal e de todos os quadrantes políticos e independentes dos Partidos, alguns dos quais ex-ministros, desde os Governos Provisórios, que se seguiram ao 25 de Abril, como João Cravinho, que julgo ter sido, como Bagão Félix, da ideia inicial, resolveram subscrever um manifesto sobre o futuro de Portugal. O objectivo era – e é – “preparar a reestruturação da dívida, que atinge neste momento mais de cento e trinta por cento do PIB, para vencer sustentadamente a crise. Trata-se de um objectivo altamente patriótico que tem a ver com um melhor futuro para o nosso País.

O Governo actual teve uma reacção sem qualquer sentido, obcecado, ficou furioso e disse-o de forma muito irresponsável, começando pelo primeiro-ministro que, como disse Bagão Félix, sem ter lido previamente o documento, em vez de aproveitar as ideias que o Manifesto contém e que, obviamente, merecem reflexão e apoio. Foi tão desagradável. Isto da parte de pessoas que suscitam respeito e da qualidade efectiva do texto. Mas como o Governo está completamente paralisado, sem critério, e só obedece à Troika, sem ter qualquer ideia do interesse nacional sobretudo para o futuro. Por isso, considerou o manifesto como inaceitável, nas palavras do primeiro-ministro, tão criticáveis e inoportunas, em vez de sobre ele reflectir, porque lhes faltam obviamente ideias e capacidade para tanto.

O Presidente da República foi mais longe, visto ter considerado – como disse - que a desgraça em que Portugal se encontra, vai pelo menos “durar mais vinte cinco anos”. E não fica por aqui: demitiu, na hora, dois dos seus consultores por terem tido a ousadia de subscrever o referido manifesto, como se não fossem pessoas livres, mas simples funcionários, sem liberdade, ao dispor do chefe. Foram eles: Sevinate Pinto e Victor Martins, um dos quais antigo membro de um outro Governo.

Que história e que falta de espírito democrático e de respeito pelos Direitos Humanos, tanto do Governo como do Presidente da República. Realmente, mais uma vez, o Presidente e o Governo procederam da mesma forma, como irmãos siameses do mesmo projecto. A austeridade que, como disse o Papa Francisco, mata e a Troika que cada vez mais conduz o País para um total empobrecimento.

Penso que o manifesto dos 70 tem um grande mérito: disse a verdade e tem soluções para seguirmos outra via o que, a ser aceite, nos podia encaminhar noutra sentida muito diferente da desgraça em que estamos, vai fazer três anos terríveis.

O Povo não pode ouvir mais – nem ver – este Governo inepto e sem vergonha e o Presidente, porque ambos estão a concorrer para a desgraça de Portugal, o empobrecimento da classe média e impondo cada vez mais impostos e cortes inaceitáveis nas pensões. Sejamos claros. Não é preciso saber fazer contas ou ser economicista para saber que a dívida não é pagável nos prazos e com os juros fixados.

O manifesto dos 70, ao contrário do que o primeiro-ministro e o Governo dizem, bem como o Presidente da República, encontrou soluções para regularizar a dívida. O que este Governo – e o Presidente – defendem nunca serão capazes de fazer. A verdade é contrária ao que dizem. São meros irmãos siameses que quando as coisas azedarem serão os primeiros a fugir...

## O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO PAPA FRANCISCO

Celebrou-se, com descrição, o primeiro aniversário do Papa Francisco, como tal. Um jesuíta que se tornou franciscano. Um Papa de excepção, que está a transformar o Vaticano, a acabar com a corrupção e a pedofilia e a falar com os pobres e a auxilia-los, porque todos são filhos de Deus.

Um papa que fala em igualdade com crentes e não crentes, com católicos, judeus, protestantes, de qualquer outra religião ou sem religião, como o autor destas linhas. Um Papa que é contra a austeridade – porque a austeridade mata – e abomina o capitalismo selvagem porque gera, cada vez mais, desigualdades e só vê o dinheiro, os mercados usurários e ignora as pessoas e os valores cristãos.

Um Papa que fala e ouve as mulheres, como seres humanos que são e com o respeito que lhes é devido.

Um Papa que conhece o Mundo de hoje e as dificuldades que a globalização populista e os mercados têm criado, na situação de crise que a União Europeia – e em especial a zona euro – têm vindo a sofrer.

Um Papa que sabe tudo isso e procura, na medida do que lhe é possível, indicar o bom caminho para vencer a crise, acabando com a austeridade e mudando o sistema populista que só e sempre agrava a crise.

Um Papa que todas as semanas reúne multidões na Praça de São Pedro, que veio da Argentina (outra novidade) e de seu nome se chama Jorge Bergoglio, meio argentino e meio italiano. Foi em 13 de Março de 2013 que se tornou Papa e desde então tem sido considerado, sem dúvida, o mais popular dos últimos Papas. Sendo amigo e tendo um imenso respeito intelectual pelo seu antecessor Bento XVI, Joseph Ratzinger.

O Papa Francisco é um homem modesto, de uma grande simplicidade, amigo dos pobres e das mulheres, em dificuldades, que visita os presos e dá de comer aos pobres que não têm casa e dormem debaixo das pontes.

Num ano tornou-se conhecido e respeitado em todo o Mundo e por todas as religiões e pelos que não têm qualquer religião. A visita que fez ao Brasil foi um acontecimento nunca visto, dado o entusiasmo que suscitou em todos os brasileiros, crentes católicos e de outras crenças ou de nenhuma.

Está a modificar o Vaticano e tornou-se popular no Mundo inteiro. Oxalá não sofra algum percalço, que interrompesse o seu trabalho de renovação do Vaticano, o que arruinaria a Igreja Católica.

Tenhamos esperança!

### O DESÂNIMO E A ESPERANÇA

A situação em Portugal é de crise. Dado o empobrecimento geral da população, incluindo a classe média e a manutenção de um Governo e de um Presidente da República que ideologicamente são semelhantes, no essencial, e não admitem sequer demitir-se. É estranho e pouco normal. Mas é assim.

O empobrecimento do País é hoje como nunca existiu antes, mesmo nos ominosos tempos dos ditadores Salazar e Caetano. O ódio da população – em todos os domínios – é tal, que ministros e secretários de Estado e o Presidente da República não se atrevem a sair à rua com medo de serem vaiados, como tem acontecido.

Demitam-se, como dizem todas as profissões: médicos, enfermeiros, militares, polícias, professores, académicos, e gente de todas as classes, velhos e novos, gritam nas manifestações e nas ruas, nas cidades e nas vilas: Demitam-se! Está na hora, está na hora, de o Governo se ir embora! Mas Presidente e Governo não se demitem, porque para uns e outro, as pessoas não interessam e digo mais: não existem naqueles espíritos, visto que só vêm e ouvem os mercados e o dinheiro. O Presidente da República disse que só daqui a 25 anos, estamos em condições de melhorar a situação. Será assim? Não creio. Onde estará ele então?

Esquece-se que vamos ter brevemente eleições para o Parlamento Europeu, que vão ser interessantes de observar. E o próprio Presidente, dentro de dois anos, que passam num ápice,

termina o seu mandato! Não deveria ser mais oportuno e interessante reflectir sobre o tempo mais próximo e do que até lá se vai passar? E deixar os 25 anos para os vindouros?

Notem os leitores que as eleições para o Parlamento Europeu vão ser diferentes do passado e com consequências bem curiosas. No plano europeu, obviamente, em que tudo vai mudar – Durão Barroso já está a fazer as malas - mas também no plano político, social e europeu em que as mudanças vão ser muito mais interessantes do que se julga.

A Direita deu o que tinha a dar. Porque a zona euro vai ter de mudar. Bem como os Partidos Populistas (e não social-democratas, como se auto-intitulam) entre os quais o português.

Tudo vai mudar na União Europeia porque os Estados da zona euro vão perceber que ou caem no abismo, como advertiu Helmut Schmidt ou são obrigados a mudar. Como? Repondo em linha os Partidos Socialistas e Democratas-Cristãos que foram os Partidos que construíram a União Europeia.

Creio não ser necessária uma revolução para voltar aos Partidos que fizeram a União Europeia. Basta que os partidos populistas da Direita deixem de ter importância. A época do populismo e da extrema-direita vai acabar.

Lisboa, 18 de Março de 2014